

XIX Congresso Anual da Associação Portuguesa de Nutrição Entérica e Parentérica



Anne de Looy - ONCA; Aníbal Marinho - Presidente da APNEP;
Manuel Delgado - Secretário de Estado da Saúde;
Cristina Cuerda - ESPEN 2018; Fernanda Freitas - Moderadora



Realizou-se no Porto a 27 e 28 de março de 2017, o XIX Congresso Anual da Associação Portuguesa de Nutrição Entérica e Parentérica.

A Associação Portuguesa de Nutrição Entérica e Parentérica (APNEP) é a Associação que congrega os profissionais de saúde envolvidos na nutrição clínica, incluindo nutricionistas, médicos, enfermeiros, farmacêuticos, investigadores, psicólogos, administradores hospitalares entre outros profissionais, sendo na atualidade uma das maiores associações portuguesas com 1866 associados.

Estiveram presentes no Congresso que decorreu no passado mês de março, na cidade do Porto, um número recorde de 2786 congressistas, tendo par-

ticipado no evento mais de 250 palestrantes nacionais e internacionais.

O tema escolhido para o XIX Congresso Anual foi “O direito à nutrição adequada”.

Para a APNEP faz todo o sentido pensar na nutrição como um elemento essencial no bem-estar e promoção da saúde, mas também como arma terapêutica imprescindível para todos os doentes.

A vida começa com a nutrição e esta desempenha uma influência determinante no desenvolvimento emocional, mental, físico e social de cada indivíduo.

Mas se a nutrição é importante para todos, é fundamental no tratamento dos doentes.

Segundo o Dr. Aníbal Marinho, presidente da APNEP, todos os indivíduos malnutridos ou com risco de malnutrição deveriam ser sistematicamente rastreados e ter acesso a cuidados nu-

tricionais adequados, equitativos e de elevada qualidade.

A integração da terapêutica nutricional no plano de intervenção médico, cirúrgico e farmacológico é crucial para a recuperação clínica e funcional do doente, para a qual devem convergir as competências específicas de cada profissional de saúde.

Apesar do aumento do reconhecimento desta problemática, os dados provenientes de estudos realizados entre nós, mostraram que a frequência da desnutrição se mantém extremamente elevada, afetando cerca de um



em cada quatro doentes no momento da admissão hospitalar.

Um grande número destes doentes entra desnutrido nos hospitais, agravam o seu estado nutricional no internamento e têm alta hospitalar sem condições para que se possa promover uma recuperação funcional adequada.

A nutrição clínica é, na maioria das vezes, uma solução com excelente relação custo-efetividade, segura e não invasiva no combate à desnutrição. A sua utilização encontra-se associada a menores taxas de morbilidade e de mortalidade.

A maioria dos países da união europeia dispõe de uma abordagem integrada que garante a acessibilidade da nutrição clínica no hospital e no ambulatório.

O exemplo que vem da nossa vizinha Espanha

Segundo a Dra. Cristina Cuerda, coordenadora do Grupo de Nutrição Artificial Domiciliária em Espanha, existe desde 1998 regulamentação ministerial neste âmbito.

O financiamento por parte do governo espanhol compreende a administração de nutrição parentérica, entéri-



ca e de suplementos orais em contexto de nutrição clínica.

E Portugal?

Portugal encontra-se já a dar passos neste sentido com a implementação do Compromisso para o Desenvolvimento e Sustentabilidade do SNS, em linha com o que já acontece noutros países.

Mas a atuação não deve ser estanque ao hospital e deve ser prolongada para o ambulatório através da

criação e implementação de soluções que se traduzem na melhoria da efetividade e/ou da segurança dos serviços continuados com os cuidados domiciliários.

A APNEP apoia e defende que se deve implementar um programa sistemático e obrigatório de rastreio da malnutrição, assim como garantir a acessibilidade da nutrição clínica no hospital e no ambulatório.

Só desta forma, poderemos combater a malnutrição e a desnutrição em particular o que representará uma melhoria na qualidade de vida dos doentes e uma poupança económica para o SNS.

Este tipo de abordagem gera uma maior satisfação e qualidade de vida aos doentes, menores taxas de complicações apresentando uma diminuição considerável nos custos de tratamento e de internamento que são uma parte significativa da despesa global da saúde.

São estes os desafios que temos na atualidade.

